

## O PENTATEUCO FEMININO NA LITURGIA JUDAICA E CRISTÃ

Katia Rejane Sassi\*

### RESUMO

O artigo sugere um Pentateuco Feminino ao tratar da coleção dos *megillot*: Rute, Ester, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e Lamentações que trazem a marca da resistência e do protagonismo da mulher. No contexto do pós-exílio, o Pentateuco (Torá) foi se tornando o centro do judaísmo e os *megillot* surgem como expressão da resistência diante do fechamento da comunidade judaica, a partir da voz e ação das mulheres. Com o passar do tempo, o Pentateuco Feminino fez parte do ciclo da leitura sinagoga nas principais festas litúrgicas do povo israelita: Páscoa, Pentecostes, Tendas, Purim e Memorial da Destruição de Jerusalém. Procurando perceber o sentido e a relação dos *megillot* com as festas judaicas, constata-se que eles foram lidos e interpretados, nas sinagogas, por homens e a partir de seus interesses. E, na liturgia cristã, nota-se que é uma leitura omitida por homens. As mulheres ficaram emudecidas no sentido de que suas vozes não poderiam ser ouvidas na esfera oficial.

**Palavras-chave:** pentateuco feminino – resistência - festas judaicas – liturgia cristã

### SUMMARY

When the article talks about the collection of the *megillot*: Ruth, Esther, Ecclesiastes, Song of Songs and Lamentations it suggests a Feminine Pentateuch. These books bring the mark of resistance having the woman as a protagonist. In the post-exile context, the Pentateuch (Torah) became the center of Judaism, and the *megillot* appears as an expression of resistance through the women's voice and action before the shutting up of the Jewish community. As time went on, the Feminine Pentateuch: Easter, Pentecost, Tents, Purim and the Memorial of Jerusalem Destruction, became part of the synagogue reading cycle for the main liturgical feasts of the Israelites. When we want to know the meaning and the relationship of the *megillot* with the Jewish feasts, we find out that they were read and interpreted by men, and from their own interests in the synagogues. And, in the Christian liturgy, we notice that the men used to omit this reading. The women were silenced because their voices could not be heard in the official sphere.

**Keywords:** Feminine Pentateuch – resistance – Jewish feasts – Christian liturgy

### Uma coleção de livros sem “*status*”

Assim como a vida cotidiana de muitas mulheres, sobretudo das periferias, é celebrada nos bastidores da história da humanidade, da mesma forma, muito facilmente se escondeu a presença e ação de mulheres na Bíblia, silenciando-as e tornando-as invisíveis, ocultas, esquecidas, negadas... A história oficial foi protagonizada e escrita por mão banca, por homens, a partir da classe dominante.

Nas páginas do Antigo Testamento passa quase que despercebida uma coleção de cinco livros litúrgicos, usados nos momentos mais importantes da vida

---

\* Katia Rejane Sassi, mestranda em Teologia Bíblica pela EST. E-mail: [katiasassi@yahoo.com.br](mailto:katiasassi@yahoo.com.br)

celebrativa do povo israelita. Em hebraico, estes “cinco rolos” são chamados de *Megillot*. Nas nossas Bíblias, os cinco *megillot* estão espalhados entre os livros históricos (Rute e Ester), poéticos (Eclesiastes e Cântico dos Cânticos) e proféticos (Lamentações) e, na Bíblia judaica, estão reunidos num grupo só: os Escritos. Neste estudo os chamaremos de “Pentateuco Feminino”. Estes livros pertencem ao ciclo da leitura sinagoga.

O nosso interesse por estes livrinhos é justamente pelo pouco valor que lhes é atribuído, por fazerem parte da literatura sapiencial, por trazerem o protagonismo da mulher, por serem novelas populares, com relação ao “status” que o pentateuco (Torá) ocupa em toda a Bíblia.

O presente artigo tenta responder a duas indagações: O que inspirou a comunidade judaica a incluir estes livros, que trazem a marca da resistência da mulher, nas liturgias festivas? Até que ponto, o Pentateuco Feminino pode ser uma força revolucionária para as mulheres cristãs?

## Dois pentateucos

A palavra Pentateuco significa “cinco rolos, ou cinco livros”. Originou-se de duas palavras gregas: “penta” (cinco) e “teuxos” (rolo, volume ou livro). Por isso, podemos falar da existência de dois Pentateucos na Bíblia hebraica que tem sua redação final do contexto do pós-exílio, porém com características bem próprias.

O pós-exílio é conhecido como o período da reconstrução da comunidade judaica. O período histórico de Neemias (445 a.C.) e Esdras (398 a.C.) até o século II a.C. é muito importante para a formação da Bíblia como livro. A Torá, pouco a pouco, foi tornando-se o centro do judaísmo. E, os *megillot*, surgem como expressão da resistência diante da opressão e questionam o fechamento da comunidade judaica, a partir da voz e ação das mulheres.

### ***Pentateuco: os cinco rolos da Lei***

O Pentateuco conhecido como os cinco primeiros livros da Bíblia, são chamados pelos israelitas de “cinco rolos da Lei” ou “Torá”. A Torá (=Lei de Moisés), concebida como instrução e orientação de Deus para que o povo seguisse o caminho certo, garantia vida e liberdade. Mas seu sentido foi mudando ao longo do uso através da história.

No tempo da dominação persa (538-333 a.C.) “o Pentateuco recebe forma definitiva com a união das Tradições Javista, Eloísta, Deuteronomista e Sacerdotal”<sup>1</sup>. Ele se converte em “documento base do judaísmo e da identidade da fé judaica”<sup>2</sup>. Num certo sentido, a lei deu identidade ao povo, garantindo dessa forma sua sobrevivência como nação dentro do império. Por outro lado, a releitura sacerdotal da história acentuou a prática e observância rigorosa da Torá, considerada como

<sup>1</sup>SAB. *A Comunidade renasce ao redor da Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002. v. 9, p. 59.

<sup>2</sup> SAB, 2002, p. 48.

caminho único da salvação (Ne 8,1-8). E mais, a lei de Deus foi considerada também a lei do rei (Esd 7,26).

A valorização das Escrituras, dando destaque à lei, surgiu durante o exílio, quando não havia mais trono, nem altar, nem templo. A comunidade judaica se organizou em torno da Palavra. “O judaísmo tornou-se preponderantemente uma ‘religião do livro’, uma comunidade sujeita à lei de Moisés. Proporcionou aos judeus um forte espírito de comunidade e os libertou do centralismo do templo”<sup>3</sup>.

Diante da necessidade do conhecimento, da interpretação, do ensinamento e da aplicação da lei (Esd 7,10), surgem os escribas e especialistas na lei. E, para popularizar, ainda mais, o uso da lei, os fariseus passam a ensiná-la nas sinagogas.

Neste sentido, o templo e a lei foram substituindo o papel que cabia à profecia nas épocas anteriores. Foram estabelecendo condições para alguém fazer parte do povo de Deus e determinando quem estava mais próximo de Deus e quem estava mais distante, através da lei da pureza étnica e da lei do puro e do impuro. O grupo que mais sofre na pele as consequências negativas da aplicação rigorosa da lei de pureza são as mulheres.

### ***Pentateuco: os cinco rolos da resistência feminina***

No período pós-exílico, a mulher era marginalizada como impura (cf. Lv 15,19-30; 12,1-8). “A resistência e a valorização da mulher cresceram no período em que a sua marginalização era mais pesada. São vários os livros sapienciais que registram esta voz da oposição e descrevem a crescente resistência da mulher”<sup>4</sup>.

Dentre os vários escritos bíblicos de resistência profética popular, a coleção dos *megillot* ou Pentateuco Feminino destacam o protagonismo da mulher na luta pela vida, sua beleza, sua solidariedade com os pobres e estrangeiros, sua liberdade e sua igualdade em relação ao homem.

### ***O rolo de Cantares***

As mulheres são os sujeitos no rolo de Cantares e refletem uma tradição oral que está inteiramente retratada em cânticos: a vida, as escolhas, os sentimentos de amor. Assim, podemos perceber que a iniciativa é da jovem camponesa, a fala e as ações também são dela. A mulher fala mais do que o homem.

A jovem se apresenta independente, corajosa, enfrenta os guardas da cidade (Ct 3,1-4; 5,2-8), o rival que a persegue (Ct 8,11-12) e os irmãos que a querem proteger (Ct 8,8-10). A obra ressalta a dignidade da mulher, independentemente de ela ser mãe ou não<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> GASS, Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo: CEBl; São Paulo: Paulus, 2004. v.5, p.132.

<sup>4</sup> TUA PALAVRA É VIDA. *Sabedoria e poesia do Povo de Deus*. São Paulo: Loyola, 1993. v. 4, p. 154.

<sup>5</sup> SAB, 2002, p. 55.

Conforme o autor José Wilson Correia da Silva, a Sulamita vai rompendo, profeticamente e com muita sutileza as visões de mundo de sua época:

- descarta com a visão do sexo, cuja única finalidade é a procriação. A poesia da Sulamita em nenhum momento fala de prole, muito menos de casamento e fertilidade. Ela anuncia a explosão do amor, do prazer.

- rompe com a mentalidade da sociedade patriarcal. Não aparece nos cânticos a figura e a função do pai. A proposta da Sulamita é reconstruir a família, a sociedade a partir do “ethos” da mãe, da casa da mãe.

- rompe com um aspecto da cultura semita em que o homem é sujeito de tudo. A Sulamita tem a primeira e a última palavra no livro. Ela toma a iniciativa em tudo, inclusive no amor, é ela que oferece ao homem o seu amor. É ela que conduz o homem para a casa.

- resiste à ideologia do poder econômico, onde o corpo era tido como meio de produção, mercadoria, objeto de troca, compra e venda. Nos versos de sua poesia, ela declara sua liberdade, sua autonomia e afirma-se ser dona de sua própria vinha<sup>6</sup>.

Podemos perceber que nestes belos e provocantes poemas de amor da Sulamita e de suas companheiras estão impressos a memória coletiva e subversiva das mulheres que lutam pelo fim do controle do corpo, da sexualidade e pelo direito ao prazer<sup>7</sup>.

### **O rolo de Rute**

O pequeno rolo de Rute também é uma história de mulheres autodeterminadas. A velha Noemi e a jovem Rute assumem papéis ativos e lutam para sobreviver em um mundo patriarcal. E, neste caso, os homens não são muito valorizados. Rute, mulher estrangeira, viúva e pobre protesta, da seguinte forma:

- questiona o acesso à assembleia israelita, como estrangeira e moabita. A jovem Rute apresenta uma nova visão teológica, diferente do exclusivismo de Esdras e Neemias. Também os povos estrangeiros são povos de Deus e YHWH não é um Deus exclusivo de Israel<sup>8</sup>. É interessante perceber que esta moabita entra na genealogia de Jesus (Mt 1,5).

- resiste à observância da lei de circuncisão, do sábado ou do puro e do impuro. Sogra e nora insistem no resgate de três leis que não eram observadas em favor dos pobres: do respigar (Rt 2; Lv 19,9-10; Dt 24,19-22), do resgate (Rt 4,1-12; Lv 25,25) e do levirato (Rt 3,12; Dt 25,5-10)<sup>9</sup>.

- invisibiliza Jerusalém, o templo, sacerdotes e reis. Rute luta para resgatar o projeto tribal que vem de uma aldeia do interior. Belém é a casa do pão, da partilha, do poder participativo, do resgate da terra...

<sup>6</sup> SILVA, José Wilson Correia da. *A beleza do corpo: uma apreciação do Cântico dos Cânticos a partir do corpo*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 42-53.

<sup>7</sup> SILVA, 1999, p. 17.

<sup>8</sup> GASS, 2004, p. 190.

<sup>9</sup> GASS, 2004, p. 191-192.

Também neste rolo de Rute estão impressas muitas memórias de lutas e experiências de mulheres que resgatam a dignidade e o direito de mulheres independentes, que tomam suas vidas nas suas próprias mãos, sem depender de algum homem tutor.

### **O rolo de Lamentações**

Diferentemente dos demais *megillot*, que apresentam o protagonismo e iniciativa das mulheres, o rolo de Lamentações parece destoar um pouco. No entanto, Jonneke Bekkenpamk, nos faz repensar esta ideia, fazendo referências ao costume das mulheres de entoar cânticos de triunfo e cânticos de lamento (2 Sm 1,20.24; Jr 9,16b–17.19; Ez 32,16). Dentro da tradição oral, pode-se supor que o “entoar cânticos de lamentações era uma tarefa designada às mulheres e desempenhada por ocasião de eventos religiosos e políticos, quando o povo de Israel se reunia”<sup>10</sup>.

Em Lamentações encontramos metáforas da mulher: “a primeira entre as nações está como viúva” (Lm 1,1), “a cidade de Sião perdeu toda a sua beleza” (Lm 1,6) e outras passagens bíblicas. Por trás das imagens da mulher como representante de Judá, do monte Sião, de Jerusalém, transparece a condição delas na sociedade patriarcal. A realidade da mulher viúva, sem direito à propriedade, piorava ainda mais a situação.

### **O rolo de Eclesiastes**

O rolo de *Coélet*, conhecido como Eclesiastes, é um escrito tardio e sua redação final deve ser situada em torno de ano 250 a.C., sob o auge da dominação dos Ptolomeus, na Palestina<sup>11</sup>. O sufixo da palavra *Coélet* é feminino e, no hebraico, significa “a pessoa que reúne, fala ou lê na assembleia”<sup>12</sup>. Masculinizado depois, este nome conservou sua regência feminina em 7,27. A mulher geralmente deveria ficar calada. Mas *Coélet* é alguém que um dia cria coragem e fala: uma no começo (1,2) e outra no fim (12,8). E uma terceira vez (7,27), reagindo contra quem fala mal das mulheres.

Os olhos da *Coélet* estão abertos, atentos e examinam todas as propostas que lhe são feitas pela sociedade greco-judaica. Profeticamente enfrenta não só a doutrina oficial da retribuição, mas também as novidades trazidas pela ocupação grega. Aponta caminhos novos ao questionar:

- os valores do modo de vida dos gregos: a valorização do corpo, o prazer (Ecl 2,1-3), o individualismo (Ecl 4,7-12), o acúmulo de riquezas (Ecl 2,18-23), o poder (Ecl 2,4-11) e o conhecimento (Ecl 1,12-18). *Coélet* afirma que tudo é fugaz, passageiro, transitório (Ecl 1,2; 12,8)<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> BEKKENKAMP, Jonneke e DIJK, Fokkelen Van. O cânon do AT e as tradições culturais das mulheres. IN: *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 79-80.

<sup>11</sup> MONLOUBOU, L. et al. *Os Salmos e outros escritos*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 194.

<sup>12</sup> GASS, Ildo Bohn. *Período grego e vida de Jesus*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005. v. 6, p. 29.

<sup>13</sup> GASS, 2005, p. 29.

- o menosprezo das mulheres pela cultura patriarcal (Ecl 7,27-29). *Coélet* diz que não foi assim desde as origens, mas construção dos homens.

- a felicidade conseguida às custas da exploração do trabalho dos pobres. Para *Coélet*, a verdadeira felicidade consiste em viver com simplicidade do fruto do seu próprio trabalho ( Ecl 2,24)<sup>14</sup>.

Na boca da *Coélet* judia as palavras: “Nada de novo debaixo do sol!” (1,9; 2,11) significam um século de opressão, de dominação, de pesada tributação. Dabaixo desse império, é interessante ver como a *Coélet* ironicamente continua insistindo que nada há de novo.

### **O rolo de Ester**

Aqui aparece mais uma vez o protagonismo da mulher na libertação do seu povo. Ester, a órfã judia, salva seu povo do extermínio (Est 2,7). Ester contesta o mundo baseado na injustiça e opressão dos vários Amãs, e anuncia a possibilidade de um novo mundo no qual reine a beleza e a harmonia. O rolo de Ester, além de explicar a origem da festa judaica dos Purim, quer animar as comunidades espalhadas em todo o império.

Quer ajudá-las a serem fiéis à história de seu povo, não se deixando iludir pelo modo de vida do império. Quer devolver-lhes a esperança para continuar fiéis aos seus costumes, apesar das dificuldades em meio a povos que, muitas vezes, os humilhavam<sup>15</sup>.

Podemos dizer que os cinco rolos litúrgicos foram uma alternativa do povo pobre de profetizar contra a ideologia machista do templo de Jerusalém. Por isso, é relevante o protagonismo das mulheres nos rolos de Rute, Cantares e Ester, somado com o rolo de *Coélet* que questiona a cultura patriarcal.

A marca impressa nestes rolos é de teimosia, no resgate da dignidade da mulher e na participação das lutas libertárias do seu povo. São fiéis ao Deus do êxodo, a Javé libertador dos pobres. Propõe um novo projeto de reconstrução do povo, baseado na luta pela liberdade, por terra, pela igualdade e pela vida. Enquanto isso, os sacerdotes foram encarcerando e manipulando Deus, na Torá.

### **Desenrolando os cinco *megillot* festivos**

Os cinco *megillot*, no contexto em que foram redigidos, carregam a marca da resistência feminina em suas páginas. Na sabedoria popular, este movimento profético pós-exílico, buscou novas formas para se manifestar. Mas por séculos foram lidos e interpretados, nas sinagogas e nas igrejas, por homens e a partir de seus interesses.

Desenrolando os *megillot* nas principais festas judaicas e na liturgia cristã católica, vemos que não é fácil descobrir os motivos que levaram a comunidade

<sup>14</sup> GASS, 2005, p. 30-33.

<sup>15</sup> GASS, 2005, p. 23.

judaica a optar pela leitura sistemática desses rolos que, por razões desconhecidas, não foram devidamente registrados na história. O mesmo diríamos quanto ao processo seletivo que inclui alguns desses textos e exclui outros no lecionário romano.

### ***Nas principais festas judaicas***

Segundo Schmidt, desde o princípio o livro de Ester esteve ligado à festa de Purim, como também, os poemas da Lamentação eram desde cedo entoados nas cerimônias. Mas só a partir da Idade Média houve um aproveitamento litúrgico também dos outros livros nas principais festas judaicas<sup>16</sup>. Tudo indica que a leitura em dias de festa na sinagoga não é tão antiga quanto os livros. Ao desenrolar os *megillot*, seguiremos a ordem de leitura do ano litúrgico, ou seja, a sequência das festas judaicas.

Um elemento característico da liturgia pascal é a leitura do rolo de Cantares, no 7º dia da festa<sup>17</sup>. Mas quais seriam as razões que justificam a escolha deste livro como uso obrigatório na liturgia pascal? É importante lembrar que o rolo de Cantares tem sido alvo de várias hipóteses interpretativas pelas tradições judaica e cristã. Carmine di Sante relaciona o livro com a festa colocando a seguinte razão:

É a intuição de que na raiz da beleza e do amor cantados nele e das expressões universais do humano está a liberdade concedida por Deus. (...) Somente Deus com o 'milagre' do êxodo e da aliança proporciona o dom daquela subjetividade simbolizado pelo 'meu dileto' e pela 'minha dileta' do Cântico<sup>18</sup>.

A maioria dos autores assinala que o judaísmo interpretou estes cantos, como sendo a história do amor metaforizado e actual entre Deus (o amado) e seu povo (a amada). Uma observação importante é que nessas interpretações alegóricas, as mulheres são a imagem do parceiro mais fraco no pacto desigual entre Deus e o povo de Israel. Quão profético não seria se deixássemos a Sulamita recitar livremente os belos e provocantes poemas de amor, ecoando nas sinagogas, na celebração de *Pessach*, a maior e mais importante festa judaica?

Por volta de 140 d.C., na época rabínica<sup>19</sup>, a festa de Pentecostes (*Shavout*), é então a celebração da fundação do povo de Israel. Nas sinagogas são lidos os capítulos referentes à promulgação das “Dez Palavras” (Ex 19,1-20, 23), bem como outras leituras bíblicas próprias. Nesta ocasião lê-se também o rolo de Rute, uma das mais belas histórias, cheia de poesia e encanto. A pergunta que fazemos agora é esta: Por que um livro, cuja heroína é uma pagã, uma moabita (cf. Gn 19,30-38; Nm 21, 28-29), se lia no dia em que se celebrava, acima de tudo, a

<sup>16</sup> SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 295.

<sup>17</sup> PELLETIER, Anne-Marie. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 53.

<sup>18</sup> SANTE, Carmine de. *Israel em oração: as origens da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 219.

<sup>19</sup> DAHLER, Etienne. *Festas e símbolos*. São Paulo: Editora Santuário, 1999, p. 26.

singularidade da Aliança de Deus com Israel? Etienne Dahler afirma que a história dessa mulher não judia adquire um relevo todo especial no quadro da festa das primícias:

A pequena moabita tornar-se-á em seguida a avó do rei Davi que, segundo a tradição judaica, nasceria e morreria no tempo de *Shavuot*. Rute encarna os não-judeus, os *goyim*, que entrarão na eleição de Israel a ponto de se tornarem membros da família do Messias. Ela representa as primícias da entrada dos pagãos na revelação feita a Moisés e de sua participação na Redenção da humanidade<sup>20</sup>.

Mas Rute é um testemunho da Torá vivido naquilo que possui de mais importante: o amor, a bondade e a humildade. Mas como ecoaria, nas sinagogas, o testemunho dessa mulher estrangeira, viúva e pobre?

A festa das Tendões (*Sucot*), no sentido religioso, lembra um período de transição na história do povo hebreu, entre o êxodo do Egito e a Terra Prometida. Sugere a fragilidade e instabilidade da vida de Israel, os períodos árdios, como aqueles do deserto, em que habitavam como nômades em cabanas<sup>21</sup>. Aparentemente pode ser estranho ler o rolo de *Coélet* no terceiro dia dos *Sucot*, festa alegre e popular, mas, contrariamente à aparência, ele não é um livro de pessimismo, mas de uma preciosa sabedoria. Segundo Carmine de Sante, a reinterpretação de *Sucot* através da categoria do deserto e pelo livro de *Coélet*, dá um novo embasamento original e radical: se a alegria do povo é grande pela colheita abundante, o é ainda maior porque isto lhe é sempre dado de novo. A raiz profunda da alegria não é a colheita enquanto tal, mas o amor divino do qual a Torá é proclamação e testemunho<sup>22</sup>. Se a *Coélet* também pudesse falar, a partir do que seus olhos veem, com certeza sua avaliação seria outra e *Sucot* teria outro sentido.

O dia do Memorial da Destruição de Jerusalém é um dia de luto marcado por um jejum rigoroso. A liturgia sinagoga retoma as Lamentações sempre no nono dia do mês de Ab (julho-agosto), acrescentando a comemoração do incêndio do templo pelos romanos em 70 d.C.<sup>23</sup>. Neste dia não se estuda a Torá, mas é dada mais importância à leitura do rolo das Lamentações. Ao fazer memória da destruição do templo o povo lembra a ausência e o abandono de Deus. O povo reconhece seu pecado e percebe que essas calamidades se devem à sua infidelidade (Mq 3,12). Este é o sentido desta festa.

A origem da festa dos Purim nos é historicamente desconhecida, mas é certo que ela vem do ambiente da diáspora persa. Quatro preceitos se prescrevem para o dia de Purim: a leitura do rolo de Ester, o dever de se alegrar, a troca de presentes, a obrigação de fazer donativos aos pobres<sup>24</sup>. Tudo isso deve ter parecido

<sup>20</sup> DAHLER, 1999, p. 29.

<sup>21</sup> COELHO, Antonio Carlos. *Encontros marcados com Deus: expressão da unidade do Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 80.

<sup>22</sup> SANTE, 1989, p. 227.

<sup>23</sup> MONLOUBOU, 1996, p. 211.

<sup>24</sup> AVRIL, Anne – Catherine e MAISONNEUVE, Dominique de La. *As festas judaicas*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 147.



devasso aos judeus mais rigorosos. Mesmo no palácio, Ester está do lado do povo, da vida, de Deus. Através de uma mulher, a Páscoa acontece de novo. O que diria a própria Ester, nas sinagogas?

Podemos perceber que houve um deslocamento do sentido religioso das tradicionais festas – Páscoa, Pentecostes e Tendias – judaicas que se adaptam e mudam os seus motivos celebrativos para voltarem-se ao estudo da lei<sup>25</sup>. Os principais interesses em jogo negavam a dignidade da mulher. Nas sinagogas, só os homens podiam ler as Escrituras. Eles desenrolavam também, os *megillot* e lhe davam a devida interpretação. As mulheres, separadas dos homens, por estacas e grades (Dt 31,12) apenas escutavam.

### ***Na liturgia cristã***

A liturgia das Igrejas cristãs tem sua estrutura básica e sua inspiração fundamental na liturgia judaica. Uma herança que vem do estilo de culto das sinagogas e não do templo. Ao longo da história do cristianismo foi feita uma seleção de textos da Escritura hebraica, para serem proclamados num contexto cristão. Estes textos aparecem na primeira leitura da liturgia de cada dia. Mas quem fez esta seleção?

Marjorie Procter-Smith lembra três elementos que devem ser levados em consideração ao fazermos uma análise feminista crítica dos princípios interpretativos que orientam as escolhas do lecionário: que textos bíblicos acerca da mulher que são incluídos e os que são excluídos; em que tipo ou ocasião do ano eclesialístico se encontram; e o que a convergência dos três textos parecem insinuar<sup>26</sup>.

Pesquisando sobre a presença específica dos *megillot* no lecionário romano, constatamos que, do lado católico, ele ainda tem dificuldade de conseguir um lugar na liturgia e no coração dos cristãos. O lecionário, por ser seletivo, exclui vários textos bíblicos. No ciclo trienal das leituras dominicais encontramos somente quatro versículos do livro do Eclesiastes (1,2 e 2,21-23), no décimo oitavo domingo ordinário do ano C. De todos os domingos do ano, apenas este texto do Pentateuco Feminino aparece na liturgia. Supomos que os textos lidos aos domingos e nas festas são mais importantes que os textos não lidos ou lidos durante a semana.

Ao avaliar a presença do Pentateuco Feminino no conjunto de textos, nas festas litúrgicas cristãs, vimos que apenas alguns versículos são mencionados. A autora Marjorie Procter-Smith, fazendo uma análise feminista de todos os textos fornecidos pelo lecionário romano, conclui: “a maioria dos textos não trazem nenhuma menção da mulher, nem significativa nem periférica”. Muitas referências não se referem a mulheres como tais, por exemplo: algumas são “mulheres metafóricas”; já as matriarcas, profetisas e juízas estão ausentes; outras são incluídas por causa de algum herói ou ator masculino. Não por qualquer interesse

<sup>25</sup> SIQUEIRA, Tércio Machado. O Evangelho do Antigo Testamento. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, n. 51, 1996, p. 30.

<sup>26</sup> SMITH, Marjorie Procter. Imagens da mulher no lecionário. In: *A mulher invisível na Teologia e na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 57.

nas mulheres mencionadas no texto<sup>27</sup>. Neste caso, as mulheres bonitas, independentes e protagonistas do Pentateuco Feminino não tiveram chance diante da seleção androcêntrica.

A Igreja, embora afirme a unidade batismal de todos os cristãos, muitas vezes tem, na liturgia, reconhecido apenas os dons de liderança dos homens. E, se olharmos para os bancos da Igreja, eles são ocupados em sua maioria por mulheres, mas apesar disso a linguagem da liturgia tomou o masculino como norma, como plenamente humano.

## A força revolucionária do Pentateuco Feminino

No processo de reapropriação dos *megillot* e demais livros da Bíblia, nos damos conta da poeira acumulada por séculos, de opções feitas que não foram avaliadas e renovadas; de camadas de interpretação e de cristalizações de sentido<sup>28</sup>. Por que, como Igreja cristã, nos demoramos tanto a abrir-nos às propostas de caminhos novos, apontados pela Coélet, Sulamita, Rute, Ester e outras mulheres?

Diante da reforma de Esdras e Neemias, da dominação persa e grega, os *megillot* foram uma alternativa ao projeto oficial que se centrava no templo, na lei e no sacerdócio como eixos da reconstrução. Estes cinco rolos não se satisfaziam com as propostas que se fundamentavam num conservadorismo estreito de manutenção da identidade pela via da exclusão<sup>29</sup>. A saída, ainda hoje, é organizar-se por caminhos não oficiais, sinalizados pelos *megillot*: o caminho da casa, da parceria e do verdadeiro encontro com Deus.

Em lugar da passividade das celebrações oficiais sacralizadas, centradas no templo e no Sumo Sacerdote, nos *megillot* temos uma liturgia ligada à casa e às lutas do povo, no qual o povo participa e celebra a memória do Deus dos pobres. Sandro Galazzi reafirma a ideia do Pentateuco Feminino: “A ‘casa’ soube produzir um verdadeiro Pentateuco: os cinco textos que, na Bíblia hebraica, constituem a coleção dos *megillot*, os ‘livros’ lidos, nas casas e nas sinagogas, durante as grandes festas litúrgicas”<sup>30</sup>. O templo não conseguiu silenciar a casa da mulher, a casa do pobre. Contrastam, desse ponto de vista, os escritos da obra histórica dos cronistas (Esd; Ne; 1 e 2 Cr) na qual o lugar da ação é o palácio, a cúpula, o templo.

Nos *megillot* a ação das mulheres se desenvolve a partir da casa da mulher, no espaço delas (Rt 2,23; Est 5,4-8). Nestes rolos, a casa de que se fala é sempre “casa de mulher”. É o espaço dela, onde ela age e decide, onde são tomadas as decisões e para onde os outros se dirigem.

<sup>27</sup> SMITH, 1985, p. 62.

<sup>28</sup> PEREIRA, Nancy Cardoso e MESTERS, Carlos. *A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. São Leopoldo: CEBI, n. 73, 1994, p. 23.

<sup>29</sup> PEREIRA, Nancy Cardoso. *Maria vai com as outras: mulheres libertárias libertadoras da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, n. 114, 1997, p. 41.

<sup>30</sup> GALAZZI, Sandro. *A teocracia Sadocita: sua história e ideologia*. Macapá: Macapá, 2002, p. 260.

Cabe a nossas comunidades e sinagogas, cabe a nossas Igrejas continuar definindo se ficam com o projeto do templo ou com o projeto da casa. “Jesus escolheu a casa e não o templo, a mesa e não o altar, a partilha e não o sacrifício, a família e não o sacerdócio. Por isso morreu”<sup>31</sup>. Jesus comungou com a memória da casa, das mulheres, dos pobres e excluídos.

O Pentateuco Feminino contém a força revolucionária capaz de transformar as relações entre homem e mulher, entre homem e homem, entre mulher e mulher. A solidariedade de Rute e Noemi resgata a dignidade e o direito como mulheres independentes. Cantares propõe, em vez de submissão, relações de respeito, de reciprocidade e de parceria. Propõe relações de gênero com base na igualdade, no companheirismo e na solidariedade entre homens e mulheres. As protagonistas dos *megillot* recuperam o sentido original da igualdade entre homem e mulher, novo gênesis. Elas levantam a proposta de reciprocidade, de gênero, do amor livre e libertador como o caminho que vence as barreiras impostas por grupos de poder nas igrejas e nas sociedades.

O sistema religioso oficial, centrado no templo de Jerusalém, sustentava a doutrina da Retribuição. Esta doutrina afirmava que Deus retribuía com benefícios aos que lhe eram fiéis: vida longa, muita saúde, paz, prosperidade, posses, riquezas, descendência, um bom nome<sup>32</sup>. Os *megillot* resistem contra uma equivocada visão de Deus que era manipulada em favor dos interesses do 2º templo. Eles guardam a memória subversiva do projeto original que tem suas raízes na tradição do povo.

As longas orações pessoais e espontâneas que aparecem nos *megillot* se referem às situações concretas que o povo vive. Tais orações expressam a fé na presença imediata de um Deus que escuta o clamor dos aflitos em qualquer lugar, mesmo fora do templo (Rt 2,4.12.20; 3,10; 4,11-12; Est 4, 17a até 17z). Esta fé aparece claramente nas orações destas mulheres. É a fé num Deus verdadeiro, que sempre está ao lado do pobre, do último, do fraco.

Pela sua fé e fidelidade a Javé estão prontas até para morrer, para que todos experimentem a libertação. “Irei ter com o rei... e se for preciso morrer, morreréi” (Est 4,16)! E isto independe da situação, ou da condição social: Rute é moabita; Ester está no palácio; Rute e a Sulamita estão na roça. A mulher, esteja ela onde estiver, sempre é guardiã da memória mais legítima do povo e sempre é capaz de heroísmo para que a vida triunfe<sup>33</sup>.

## O Pentateuco Feminino nas mãos das mulheres

<sup>31</sup> GALAZZI, 2002, p. 250.

<sup>32</sup> TUA PALAVRA É VIDA, 1993, p. 124.

<sup>33</sup> RIZZANTE, Ana Maria. “A mulher, tremendo e temendo, caiu aos pés dele”- a questão da mulher na época do segundo templo. IN: *O que esta mulher está fazendo aqui?* São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1992, p.34.

No Pentateuco Feminino desfilam mulheres bonitas e sedutoras. Toda esta beleza e encanto, longe de ser impura, é usada para salvar, libertar. Desfilam personagens centrais femininas: Ester, Rute, Sulamita, Coélet e suas companheiras, acompanhadas de adjetivos: independentes, autodeterminadas, solidárias... protagonizando uma nova história.

Guardada e transmitida por estas mulheres, a memória de uma sociedade igualitária, conforme o projeto original de Deus, sempre ficou no coração do povo de Israel e vem alimentando o nosso sonho de um “outro mundo é possível”. Portanto, convém reafirmar que o Pentateuco Feminino não é um simples conjunto de livrinhos insignificantes, mas carregam em suas páginas a força revolucionária de construir relações novas. Ele tem grande atualidade em nosso tempo que se caracteriza fortemente pela resistência de culturas, de grupos e de comunidades eclesiais.

No entanto, esta força transformadora foi obscurecida e distorcida ao longo dos séculos que se passaram. A sinagoga se apropriou do Pentateuco Feminino nas principais festas religiosas. O Magistério da Igreja incluiu apenas alguns textos desses livros no lecionário litúrgico. Infelizmente, nota-se que o mundo dos homens passa a contar as histórias de mulheres, ao seu modo e de acordo com seus interesses. Mesmo com a escassez de rastros nos registros históricos, podemos deduzir que no judaísmo a leitura foi feita por homens e, no cristianismo, uma leitura omitida por homens. Ester, Coélet, Sulamita, Rute e outras tantas mulheres ficaram emudecidas no sentido de que suas vozes não eram ou não poderiam ser ouvidas na esfera oficial.

Se, tanto para as mulheres cristãs e judias, as Escrituras continuam sendo uma fonte de inspiração e identidade, faz-se necessário uma releitura do Pentateuco Feminino. Certamente, de uma leitura feita por mulheres e homens, emergirá coisas novas, na própria interpretação dos textos, e isto significará uma espécie de revolução hermenêutica na vida das Igrejas. Talvez o desafio seja o de colocar o Pentateuco Feminino novamente nas mãos das mulheres.

## REFERÊNCIAS

AVRIL, Anne – Catherine e MAISONNEUVE, Dominique de La. *As festas judaicas*. São Paulo: Paulinas, 1997.

BEKKENKAMP, Jonneke e DIJK, Fokkelien Van. O cânon do AT e as tradições culturais das mulheres. IN: *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 75-96.

COELHO, Antonio Carlos. *Encontros marcados com Deus: expressão da unidade do Povo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1999.

- DAHLETER Etienne. *Festas e símbolos*. São Paulo: Editora Santuário, 1999.
- GALAZZI, Sandro. *A teocracia Sadocita: sua história e ideologia*. Macapá: Macapá, 2002.
- GASS, Ildo Bohn. *Período grego e vida de Jesus*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005. v. 6.
- GASS, Ildo Bohn. *Exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2004. v. 5.
- MONLOUBOU, L. et al. *Os Salmos e outros escritos*. São Paulo: Paulus, 1996.
- PELLETIER, Anne-Marie. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. *Maria vai com as outras: mulheres libertárias libertadoras da Bíblia*. São Leopoldo: CEBI, n. 114, 1997.
- PEREIRA, Nancy Cardoso e MESTERS, Carlos. *A leitura popular da Bíblia: à procura da moeda perdida*. São Leopoldo: CEBI, n. 73, 1994.
- RIZZANTE, Ana Maria. "A mulher, tremendo e temendo, caiu aos pés dele"- a questão da mulher na época do segundo templo. IN: *O que esta mulher está fazendo aqui?* São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1992. p.73-83,
- SAB. *A Comunidade renasce ao redor da Palavra*. São Paulo: Paulinas, 2002. v. 9.
- SANTE, Carmine de. *Israel em oração: as origens da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 1994.
- SILVA, José Wilson Correia da. *A beleza do corpo: uma apreciação do Cântico dos Cânticos a partir do corpo*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- SIQUEIRA, Tércio Machado. O Evangelho do Antigo Testamento. In: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, São Leopoldo: Vozes, Sinodal, n. 51, 1996. p. 23-31.
- SMITH, Marjorie Procter. Imagens da mulher no lecionário. In: *A mulher invisível na Teologia e na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 56-68.
- TUA PALAVRA É VIDA. *Sabedoria e poesia do Povo de Deus*. São Paulo: Loyola, 1993. v. 4.